

**ALICE NO PAÍS DO PARADOXO:  
UMA DEISCÊNCIA AO EXPRESSÍVEL**

*Haleks Marques Silva* (UFT)

[halekshms@hotmail.com](mailto:halekshms@hotmail.com)

*Karine Nafaeli Sousa Lima* (UFT)

[knafaeli@gmail.com](mailto:knafaeli@gmail.com)

*Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira* (UFT)

[luizpeel@mail.uft.edu.br](mailto:luizpeel@mail.uft.edu.br)

**RESUMO**

O objetivo deste estudo é o de articular algumas deiscências, utilizando-se dos saberes da filosofia e da literatura, através do filósofo Gilles Deleuze e do romancista Lewis Carroll. A *Lógica do Sentido* procura estabelecer uma teoria do sentido a partir das *Aventuras de Alice no país das maravilhas*, utilizando-se de uma paixão estoica pelos paradoxos para desvelar os jogos de linguagem de Lewis Carroll. Neste intento, pretende-se, inicialmente, elucidar alguns dos caminhos do *nonsense* para a lógica do sentido; em seguida, realizar uma análise de algumas personagens da obra de Lewis Carroll, traduzindo suas peculiaridades e diferenças, explorando para isso o recurso da subjetividade em uma visão feminista.

Palavras-chave: Lewis Carroll. Deleuze. Paradoxo. Sentido.

**1. Além da toca do coelho: Deleuze e o encontro paradoxal com Alice**

“Receio não poder me explicar” – respondeu Alice, “porque não sou eu mesma, entende?”, “Não entendo” – disse a lagarta.

“Receio não poder ser mais clara” – Alice respondeu, “pois eu mesma não consigo entender, para começar”. (Lewis Carroll)

A obra de Lewis Carroll é permeada de fantasias e sonhos; desafia a lógica e convida os leitores ao universo infantil. Assim, pode ser lida ingenuamente como pura fantasia para crianças; todavia, um olhar mais atento à questão lógica desvela caminhos íngremes e escarpados e, aparentemente, ilógicos. Na realidade, o jogo de linguagem é uma das características principais ao longo dos diálogos presentes no livro, em que se

demonstra como certos aspectos são na verdade ficções em que acreditamos, pois, a linguagem em si possibilita outras interpretações. Além disso, é bem verdade que a obra de Lewis Carroll tem sido interpretada de várias maneiras inusitadas, tais como: uma filosofia codificada e esotérica do amor místico; uma mediação e redescoberta da juventude; uma obra sobre o domínio do tédio e do desejo. De qualquer modo, a publicação de Lewis Carroll é certamente apreciada como um quebra-cabeça rizomático e filosófico. Sendo assim,

as palavras de Lewis Carroll deveriam ser lidas por sábios e filósofos grisalhos... a fim de estudarem os problemas mais obscuros da metafísica, os limites entre a razão e o absurdo e as forças espirituais mais erráticas que dançam entre si. (IRWIN, 2010, p. 165)

Será justamente este vir a ser no *nonsense* que dará o fascínio pela obra e admiração de Gilles Deleuze para estabelecer uma teoria do sentido; tema esse que convém desenvolver singelamente nesta reflexão, como um exercício de deiscências por meio da exposição de e seu pensamento.

A obra tornou-se alvo de análise na busca de significados políticos, sociais e filosóficos e, nas suas várias interpretações, surgiram novas obras e novos estilos, mas nenhuma com tanta repercussão para pessoas adultas. *Alice no País das Maravilhas* e *Através do Espelho* não são apenas textos para crianças, mas escritos que fazem com que o leitor volte a ser criança.

Para melhor compreendermos a gênese de *Alice*, convém perscrutar o quadro histórico-cultural no qual o livro foi redigido. É notório que cada fase histórica tem uma literatura que reflete a condição do ser humano e de seu contexto; no caso em questão, o período é vitoriano - isto é, período do reinado da rainha Vitória, em meados do século XIX, de junho de 1837 a janeiro de 1901 – na Inglaterra. E a literatura dessa época é realística e moralista; concomitantemente, porém, nasceu o desejo de representar conteúdos diversos daqueles reais, e justamente nesta direção, com o pseudônimo de Lewis Carroll, que Charles Lutwidge Dodgson, tímido e reservado reverendo e professor de matemática de extraordinária conduta, tipicamente vitoriana, escreveu *Alice*.

A sociedade de Lewis Carroll é tão efêmera e vazia quanto uma esfera de cristal, e por isso ele decidiu rompê-la, descobrir o que havia dentro, desmascarar o falso bom senso burguês. Ao respeito, à seriedade e à firmeza da sociedade, o autor opõe um país onde reina o não respeito,

o jogo, a festa, a instabilidade; como se ele fosse um apóstolo do niilismo e existencialismo, um lugar onde se busca desfragmentar a realidade, reduzi-la ao nada, e isso reflete perfeitamente ao sentido de diluição que permeia a literatura dos últimos cem anos, ou seja, a perda de confiança com a realidade, a necessidade de desmontá-la contrapondo mundos irreais nos quais se refugiar no *nonsense*.

Uma vez feita essa deiscência histórica, é surpreendente ver a maneira como Gilles Deleuze procura estabelecer uma teoria do sentido a partir da obra de Lewis Carroll. Nesse intento, torna-se um fato deveras curioso já no prólogo da *Lógica do Sentido* começar por um elogio a Lewis Carroll, que é o maior expoente da literatura *nonsense*. Gilles Deleuze justifica da seguinte maneira esse fato:

Apresentamos séries de paradoxos que formam a teoria do sentido. Que esta teoria não seja separável de paradoxos explica-se facilmente: o sentido é uma entidade não existente, ele tem mesmo com o não-senso relações muito particulares. O lugar privilegiado de Lewis Carroll provém do fato de que ele faz a primeira grande conta, a primeira grande encenação dos paradoxos do sentido, ora recolhendo-os, ora renovando-os, ora inventando-os, ora preparando-os. (DELEUZE, 2015, p. I)

Neste singelo artigo não pretendemos falar de todos os paradoxos suscitados e analisados por Gilles Deleuze, mas apenas de alguns que irão perpassar o texto de acordo com o objetivo da nossa vereda reflexiva; como, por exemplo, a concepção de temporalidade, ou como o próprio Gilles Deleuze denomina, *o paradoxo do puro devir* e do *Aion*. Gilles Deleuze, que foi influenciado por Bergson, afirma que há duas leituras sobre o tempo: *Chronos* e *Aion*. De acordo com *Chronos*, “passado, presente e futuro não são três dimensões de tempo; apenas o presente preenche o tempo, enquanto passado e futuro são duas dimensões relativas ao presente no tempo” (DELEUZE, 2009, p. 167). O presente absorve em si essas duas dimensões; passado e futuro são excessos dentro do presente vivido. De acordo com o *Aion*, não há presente como tal. É o tempo do evento, da experiência apenas o passado e o futuro existem.

Para Deleuze, o hoje nunca chega. É sempre o ontem e o amanhã juntos. Aquilo que chamamos presente é a ruptura dinâmica da temporalidade. Em vez de absorver o passado e o futuro em si, o presente é dividido em um passado e um futuro que se expandem infinitamente em ambas as direções de uma só vez. Seria ainda mais correto dizer que o presente não existe. (WESTMORELAND, 2010, p. 161)

Nesse sentido, o *Aion* para Gilles Deleuze nada mais é do que o passado-futuro que em uma subdivisão infinita do momento abstrato se

decompõe infinitamente em ambas as direções de uma só vez e sempre do lado do presente. Consequentemente, não temos acesso a um presente em si, como tal, pois o momento abstrato do presente é um *devir*, ou seja, um vir a ser contínuo. Ele sempre já deixou de existir e sempre está vindo a ser, mas nunca agora. Adiante iremos refletir sobre as personagens e seus paradoxos.

## **2. Para uma construção de subjetividade possível: um encontro com as personagens**

*Seria Alice uma representação feminista?* Em uma análise subjetiva, Megan Lloyd (2010) apresenta uma série de reflexões advindas de discussões com suas alunas no curso “Mulheres rebeldes através dos tempos”, o qual teve início com uma sondagem sobre arquétipos e problemas feministas e teve Lewis Carroll e sua obra “Alice no país das maravilhas” como destaques.

Fato facilmente explicável se considerarmos os argumentos elencados pelas alunas, ao dizerem que a personagem Alice na obra de Lewis Carroll é concebida como uma heroína feminista, tanto em sua origem, na literatura, quanto no filme adaptado pela Disney, em que foi precursora das fortes personagens: Bela e Mulan, que se opõem à fragilidade de: Cinderela, Aurora e Branca de Neve, que contam com a ajuda de uma figura masculina para trazê-las de volta à vida ou à realidade.

Lewis Carroll, como pseudônimo de Charles Lutwidge Dogson (1832-1892), em “Alice no país das Maravilhas”, apresenta-nos uma menina destemida e dotada de certa rebeldia, que não se enquadra em condições e papéis femininos estereotipados. Tais características levam Alice ao País das Maravilhas, resultando em uma consequente fuga do mundo tedioso a que sua irmã pertence e é neste lugar, onde “não se pode acreditar em coisas impossíveis”, que a menina de sete anos enfrenta aventuras e obstáculos de forma confiante e corajosa, livrando que sua cabeça lhe seja cortada por meio de sua inteligência e ingenuidade, é a heroína de sua própria história.

Megan Lloyd enfatiza que:

Alice não é como as outras figuras feministas das histórias de Carroll e esse contraste atrai as minhas alunas e torna Alice uma importante representante feminina. Mesmo antes de ela entrar no País das Maravilhas, Alice já tinha começado a rejeitar a realidade feminina escolhida pela sua irmã: uma tendência à complacência, enquadrada no papel feminino tradicional. A irmã

representa um estereótipo de mulher, aquelas bem-educadas (...). Ler um livro ‘sem figuras ou diálogos’ é inútil para Alice, e ela procura outros meios de se ocupar. (2010, p. 188)

Assim, Alice é concebida como figura feminista, por apresentar uma rejeição a um estereótipo fútil, personificado em sua irmã que lia apenas para passar o tempo. Ao seguir o Coelho Branco, que, por sua vez, seguia o tempo, de forma muito acelerada, e já no País das Maravilhas, Alice aprende mais sobre o que Megan Lloyd (2010) chama de “O poder da mulher”; no Capítulo 6, “Porco e Pimenta”, tem a seguinte conversa com o Mordomo-Sapo: “Mas e eu, como devo fazer?” – disse Alice, “Como você quiser” – disse o Mordomo-Sapo e começou a assobiar. “Ora, não adianta falar com ele” – disse Alice, “é um perfeito idiota”, completou a menina desesperada. (CARROLL, p. 76)

Alice, a partir do diálogo apresentado, depara-se com um leque de possibilidades para a figura feminina, uma vez que, ao se ver com uma incapacidade de entrar na casa pelos meios convencionais e agir com decoro com características próprias femininas, como lhe ensinado, Alice questiona: “Mas o que eu devo fazer?”; tendo como resposta do Mordomo-Sapo: “Como você quiser”, abrindo-lhe diversas possibilidades de comportamento, sem juízos de valor. Ainda nessa perspectiva, Megan Lloyd (2010, p. 181) enfatiza que:

Ela então aprende que as normas da sociedade que ela deve seguir significam, na verdade, bem pouco. Ela tem o poder dentro de si de fazer o que quiser, um tópico recorrente nas obras de Carroll. A mensagem de Alice para hoje, no País das Maravilhas e no mundo inteiro é: a mulher pode fazer o que quiser.

É importante ressaltar, a partir do trecho acima, que toda a liberdade do mundo, em relação às possibilidades de agir, faz parte de um empoderamento da figura feminina representada por Alice. Durante toda a obra de Lewis Carroll é possível perceber a postura independente da personagem que, em várias passagens do livro, permite-nos facilmente conceber Alice enquanto representação feminista.

Como em seu encontro com a Pomba, que, em uma ótica subjetiva, pode expressar, na narrativa, um lado pouco mencionado, quando o assunto entre as personagens ‘mulheres’ é a maternidade: o sofrimento que advém desse papel. Outro exemplo disso diz respeito ao diálogo de Alice com a feiosa Duquesa, que embala seu bebê choroso. Atitude que pode ser interpretada como um exemplo de mãe desnaturada, que grita com seus filhos. Percebe-se assim, durante toda a obra uma (des)constru-

ção da figura feminina, enquanto padrão de condutas prontas.

Até mesmo o encontro de Alice com o Chapeleiro Maluco nos conduz a uma análise da imersão de Alice em um mundo majoritariamente masculino: “Não tem lugar! Não tem lugar”, respondeu a menina indignada; “Tem até demais”, em meio àquela rejeição. Onde o seguinte diálogo, ilustra isso muito bem:

“Para dizer a verdade, agora que você perguntou” – disse Alice, cada vez mais confusa - “eu não sei se...”. “Então não deveria dizer nada”, disse o Chapeleiro. Esta indelicadeza ia além do que Alice podia suportar: indignada, levantou-se e caminhou, afastando-se dali. O Dormidongo dormiu imediatamente, e nenhum dos outros prestou atenção a menor atenção à sua saída, embora ela tivesse olhado uma ou duas vezes para trás, com a esperança de que a chamassem de volta. A última vez que os viu, estavam tentando enfiar o Dormidongo na Chaleira. (CARROLL, 2009, p. 18)

O episódio acima mostra algo além da tentativa de Alice em se enturmar, configurando uma tentativa de lugar em um ambiente masculino; um diálogo que reflete a tentativa de omissão e o silenciamento de diversas mulheres através dos tempos até os dias atuais: “Então não deveria falar nada”. E é nesse contexto que, para Megan Lloyd (2010, p. 222), a figura do Chapeleiro ganha evidência:

Ele exige um raciocínio rápido, mas falha ao não perceber o intelecto de uma menina de sete anos, que usou sua própria inteligência para sobreviver até então no País das Maravilhas. O misógino Chapeleiro desrespeita a metódica e contemplativa Alice, e como seus consortes, não poderia se importar menos quando ela parte (...).

O personagem Chapeleiro Maluco exige que Alice pense em sua presença, mas não lhe dá nenhuma possibilidade para isso e constitui uma afronta ao intelecto da menina da qual também lhe exige características passivas. É um silenciador, que tenta ocultar uma voz feminina, resultando, assim, em uma imperceptível fuga da menina que a leva a um lindo jardim.

No entanto, nem tudo são flores, ou melhor, rosas; e o encontro de Alice com a temida Rainha de Copas foi inevitável:

“Quem é essa?” – dirigia-se ao Valete de Copas, que em resposta apenas se inclinou e sorriu. “Idiota” - disse a Rainha, empinando a cabeça impaciência. E, voltando-se para Alice, continuou - “Qual o seu nome, menina?”, “E quem são aqueles?” – perguntando a Rainha, apontando para os três jardineiros que estavam no chão. “Como é que eu vou fazer?” – disse Alice, surpresa com sua própria coragem – “Não é da minha conta”.

A Rainha ficou vermelha de raiva e, após encará-la por alguns instantes

como uma fera selvagem, gritou – “Cortem-lhe a cabeça! Cortem-lhe...”  
(CARROLL, 2019, p. 100)

No País das Maravilhas, a personagem da Rainha se constitui como uma ditadora impiedosa que ameaça decapitar as cartas de baralho e posteriormente Alice, para ter sua submissão. Essa figura absolutista grita suas ordens e tem postura aterrorizante, submetendo à execução os rebeldes, o que deveria servir de exemplo para toda a massa subordinada. De modo interessante, tem-se facilmente a personificação da Rainha, em uma analogia com alguns líderes opressores da história através dos tempos, que também usavam a violência como forma de repressão. Nessa perspectiva, Erin Kenepp (2010, p. 55) elucida que:

Alguns líderes acham que a opressão violenta é necessária para a sociedade. Kim Jong-il se apresenta como defensor da Coreia do Norte enquanto milhares morrem de fome em campos de trabalho forçado. Adolf Hitler se considerava protetor da raça ariana com uma guerra que matou milhões deles. Tanto Mao Tsé-Tung quanto Joseph Stalin mataram milhões de cidadãos enquanto criavam as utopias comunistas. Muitos tiranos impiedosos aterrorizaram as pessoas, supostamente para o bem delas. A Rainha de Copas funciona como uma sátira, porque há exemplos reais a satirizar!

Diante desse contexto, o poder é empregado em todos os casos citados acima, pautado na força e violência; pois esses líderes tiranos, partilhavam da ideia básica de amedrontar para serem respeitados: “É bem mais seguro ser temido do que ser amado”. (MAQUIAVEL, 2011, p. 56)

À luz de tais análises e a partir da perspectiva de uma abordagem inventiva possível, cujas personagens foram concebidas muito além da toca do coelho, permitindo uma comunicação subjetiva com ideologias e personalidades da realidade, lançou-se mão de um raciocínio indutivo, que nos proporcionou um caminho possível, além do que já se sabe, mas sem pretensão de ser de fato o único provável.

De fato, assim como Alice não se convencia de estar errada por nenhum conjunto de evidências, possuindo sua própria filosofia, devemos acordar de nossos sonhos sem brinquedos, ao menos daqueles em que não se achincalha, e viver de fato: devemos, de qualquer forma, e de vários modos, seguir o ‘coelho’, e acreditar que nada é impossível.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARROLL, Lewis. *Aventuras de Alice no país das maravilhas; Através do espelho e o que Alice encontrou por lá*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

IRWIN, William (Org.). *Alice no país das maravilhas e a filosofia: cada vez mais e mais curioso*. São Paulo: Madras, 2010.

LLOYD, Megan. Alice rebelde: uma perspectiva feminista de algumas aventuras no País da Maravilhas. In: IRWIN, William (Org.). *Alice no país das maravilhas e a filosofia: cada vez mais e mais curioso*. São Paulo: Madras, 2010.

MAQUIAVEL, Nicolau. *O príncipe*. Trad.: Antônio Caruccio-Caporale. São Paulo e Porto Alegre: L&PM, 2011.

MONZANI, Luiz Henrique. *Deleuze e Lewis Carroll: aproximações entre filosofia e literatura*. Disponível em:  
<<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/kinesis/article/view/4428>>  
. Acesso em: 31-10-2017.

WESTMORELAND, Mark. *Desejar que fosse outra hora: a passagem temporal em Alice*. In: IRWIN, William (Org.). *Alice no país das maravilhas e a filosofia: cada vez mais e mais curioso*. São Paulo: Madras, 2010.